

SCOTT ROGO

Pesquisa Psíquica e a Controvérsia da Sobrevivência [\[1\]](#)

O Caso de James Kidd

Um dos mais curiosos capítulos da história da jurisprudência americana data de 1967, quando um excêntrico garimpeiro americano do Arizona foi declarado legalmente morto. Ele havia desaparecido no deserto que cerca Phoenix em 1949. Essa ocorrência provavelmente não teria chamado a atenção dos jornais, nem do público... se não fosse um aspecto bizarro do caso. Quando desapareceu, o garimpeiro deixou cerca de 175.000 dólares em dinheiro e ações depositados em um banco. Deixou também um testamento escrito a mão, datado de 2 de janeiro de 1946, no qual declarava, entre outras coisas, que o grosso de seus bens devia ser destinado a "...pesquisa de alguma espécie de prova científica de uma alma do corpo humano que o deixa na morte...".

Quando se tornou pública, a notícia da existência do testamento provocou um furor. Logo o tribunal superior de Phoenix foi inundado por reivindicantes, todos esperando beneficiar-se do testamento. Havia médiuns, igrejas, filósofos, institutos de pesquisa e uma variedade de excêntricos, todos alegando ter direito ao dinheiro. As audiências realizadas pelo tribunal nos poucos meses seguintes foram cheias de profundas discussões filosóficas, assim como de humor. Uma "médiun" de Los Angeles demonstrou ao tribunal como seu "espírito guia" podia responder a perguntas através dela, enquanto ela deixava um secador de cabelos funcionando para não ouvir o que estava sendo perguntado. Um professor de filosofia de um colégio da Califórnia alegou que poderia provar a existência da alma por meio da lógica, enquanto o Instituto Neurológico Barrow, com sede no Arizona, se propôs usar o dinheiro em pesquisa cerebral. Parapsicólogos também se sentiram intrigados pelo testamento, e a Sociedade Americana de Pesquisa Psíquica (de Nova York) e a Fundação de Pesquisa Psíquica (de Durham, Carolina do Norte) enviaram representantes para depor.

As audiências finalmente passaram a ser conhecidas como o "Grande Julgamento da Alma" e a decisão final do tribunal foi bastante anticlimática. O juiz Robert J. Myers conferiu os fundos ao pessoal do Barrow, argumentando que o dinheiro seria melhor aplicado em algum trabalho de pesquisa prática¹.

A decisão enraiveceu vários dos reivindicantes, os quais alegavam que o Instituto se desqualificava previamente por seu próprio depoimento. Representantes enviados pelo Instituto explicaram durante as audiências que não realizariam pesquisas sobre a alma, de modo que os protestos eram justificados. Finalmente, a Sociedade Americana de Pesquisa Psíquica e a Fundação de Pesquisa Psíquica, que fora fundada em 1960 expressamente para pesquisar o problema da sobrevivência, apelaram da decisão. O supremo tribunal estadual mostrou-se mais simpático que o

tribunal superior e, depois de reexaminar o caso, ordenou ao juiz Myers que reformasse sua decisão. Isso lhe deixou pouca alternativa além de destinar o dinheiro à Associação Americana de Pesquisa Psíquica, pois esta demonstrara convincentemente durante as audiências que estava historicamente interessada em descobrir prova da vida depois da morte. A Associação, por sua vez, decidiu partilhar o legado com a Fundação de Pesquisa Psíquica.

O estranho caso James Kidd e seu testamento forneceu à parapsicologia um curioso precedente. Publicamente e (em certo sentido) legalmente, fora reconhecido que a questão de vida depois da morte podia ser cientificamente estudada. Ficara estabelecido também que a ciência da parapsicologia estava melhor qualificada para enfrentar o desafio. A sentença reformada do tribunal inferior foi provavelmente influenciada pelo depoimento do falecido dr. Gardner Murphy, que era na época presidente da Associação Americana de Pesquisa Psíquica e também eminente psicólogo. Murphy procurou em seu depoimento explicar que a parapsicologia dedicava-se havia muito tempo ao estudo de aparições, visões no leito de morte, mediunidade e outros fenômenos psíquicos. Eram ocorrências raras sugerindo que nós, os vivos, podemos ocasionalmente vislumbrar o mundo invisível. O tribunal concluiu concordando sobre o assunto.

Mas, se a parapsicologia vem explorando a questão da sobrevivência há tanto tempo, por que a causa da vida depois da morte ainda está em aberto? Pois, embora exista rica literatura histórica sobre o assunto, a prova definitiva da existência de vida depois da morte continua esquiua.

Os Fundamentos da Pesquisa de Sobrevivência

A fim de compreender as complexidades da questão de sobrevivência, é preciso conhecer um pouco da história da pesquisa psíquica. A parapsicologia é hoje uma ciência experimental e a maioria dos pesquisadores profissionais dedica-se a testar pessoas no laboratório a respeito de telepatia, clarividência, precognição e mente sobre a matéria. Essa é apenas a mais nova face que a parapsicologia adotou em sua curta história, em sua busca de respeitabilidade científica. A ciência da parapsicologia data realmente da década de 1880, que foi uma era anterior ao advento de complicadas estatísticas, psicofisiologia e outros instrumentos usados hoje pela parapsicologia. Pesquisa psíquica naqueles primeiros anos era um trabalho mais filosófico e existencial, pois surgia de uma sociedade muito diferente da de hoje.

Vários fatores contribuíram para a maneira como a cultura foi forçada a mudar durante a idade vitoriana e esses fatores naturalmente influenciaram a maneira como se desenvolveu inicialmente a pesquisa psíquica. Era uma época em que a ciência e as realizações científicas estavam desafiando a autoridade religiosa que dirigira o pensamento europeu nos quinhentos anos anteriores. O século XIX foi um período de indústria e invenção, e muita gente acreditava que a ciência, e não a religião, salvaria a humanidade e provaria ser a senhora do universo. As coisas não melhoraram quando Charles Darwin, o brilhante cientista e pensador britânico, publicou *The Origin of Species by Means of Natural Selection* e (mais tarde) *The*

Descent of Man. O pensamento darwiniano implicava que o homem era meramente uma parte da ordem mundial existente e não algo separado dela. As descobertas de Darwin demonstravam que o homem não sofrera uma "queda" espiritual da graça divina quando viera habitar a terra, mas simplesmente evoluíra a partir de formas inferiores de vida. Isso representava um desafio à autoridade cristã, a qual ensinava que o homem devia lutar para reconquistar a posição espiritual que perdera no começo dos tempos. Durante esses anos, intelectuais na Alemanha estavam mostrando também que nem mesmo a Bíblia era um documento infalível, mas podia ser criticamente analisada como qualquer outra peça de literatura. E o que estavam descobrindo era perturbador para a instituição religiosa.

Daí resultou uma sociedade que, pela primeira vez em anos, não adotava um ponto de vista espiritual sobre o mundo simplesmente com base em dogma religioso. A ciência estava elevando a humanidade acima dos deuses e parecia que a religião teria de adotar os métodos da ciência a fim de provar doutrinas como as da alma e sua imortalidade.

Foi nesses anos críticos que uma pequena seita surgiu nos Estados Unidos. O espiritualismo era um pequeno movimento religioso cujas raízes se enterravam profundamente na cultura americana das décadas de 1840 e 1850. O desenvolvimento do movimento datava de 1848, quando várias testemunhas oculares puderam observar algumas atividades poltergeisticas em uma casa localizada em Hydesville, Nova York. A manifestação consistia principalmente em batidas inteligentes e focalizava-se em duas adolescentes que viviam na casa. Margaret e Kate Fox, cujo pai era um fazendeiro local, logo estavam viajando por todo o Leste demonstrando seu poder de "trazer" as batidas do mundo dos espíritos. Essas demonstrações despertaram o interesse da comunidade científica, tanto quanto do público em geral, que viu no paranormal a base de uma nova religião... uma religião que ensinava ser uma realidade comum a comunicação com os mortos. Se essas primeiras duas "médiuns" eram genuínas ou falsas realmente não tem importância, pois o espiritualismo estava então em ascensão.



As irmãs Fox fazem uma mesa levitar em Rochester, na década de 1850. Supunha-se que esses feitos físicos eram causados por espíritos fornecendo assim prova de sobrevivência. (Mary Evans Picture Library)

O que atraía tanto o público americano era o fato de o espiritualismo parecer ser religião "científica". Não baseava sua teologia em dogma ou autoridade, mas ensinava que quem procurasse podia provar seus princípios por si mesmo. Os céticos precisavam apenas recorrer aos serviços de um bom médium.

A ascensão e difusão do movimento espiritualista não apenas influenciaram a cultura popular, mas também chamaram a atenção dos meios intelectuais britânicos. O avanço do espiritualismo na Inglaterra ocorreu mais ou menos ao mesmo tempo em que diversos filósofos britânicos, frouxamente interligados por sua associação com a Universidade de Cambridge, estavam lutando com suas próprias dúvidas religiosas. Destacava-se entre esses pensadores o professor Henry Sidgwick, que era filósofo influente e professor na universidade. Entre seus colegas intelectuais incluíam-se seu ex-discípulo F. W. H. Myers e Edmund Gurney, um diplomado de Cambridge e musicólogo de não poucos méritos.

Esses intelectuais estavam agudamente preocupados com as mudanças que viam na cultura e pensamento ingleses. Eram filhos de ministros e haviam sido criados dentro dos valores e crenças cristãos. Perturbava-os ver a sociedade desviando-se das velhas doutrinas, mas, ao mesmo tempo, percebiam que essas mudanças eram lógicas no mundo que estava mudando radicalmente. Tinham consciência de que a sociedade estava na iminência de ser inundada por uma onda de ateísmo e materialismo, que, achavam eles, assinalaria o declínio da sociedade. Por isso logo se empenharam em descobrir um meio de restabelecer a ordem cristã. Como não podiam mais contar com polêmica e raciocínio filosófico, viam-se em uma situação realmente difícil. Foi nesse tempo que começaram a lançar um olhar ainda desconfiado ao movimento espiritualista que emigrara para a Inglaterra em 1852. O grupo de Cambridge finalmente decidiu que era nessa arena que poderia obter seus ganhos mais importantes. Isso porque, acreditavam eles, se o sobrenatural pudesse ser cientificamente demonstrado, suas descobertas poderiam ser usadas para rejeitar o materialismo vitoriano.

Deve-se observar, porém, que o grupo de Cambridge não estava empenhado em "provar" o espiritualismo. Seus membros simplesmente raciocinavam que, se os fenômenos do espiritualismo fossem genuínos, esses estranhos acontecimentos reconfirmariam a natureza espiritual do homem. Alguns críticos do trabalho do grupo também alegam que esses pensadores estavam emocionalmente dedicados a descobrir prova de vida depois da morte. Dificilmente, porém, esse seria o caso. O professor Sidgwick e seus colegas estavam ansiosos por descobrir prova científica com que pudessem conter a onda de materialismo popular de seu tempo. Mas percebiam também que essa prova precisaria ser suficientemente forte para influenciar qualquer crítico objetivo, assim como para satisfazer suas próprias e desafiadoras dúvidas.

Esta é, de fato, uma das razões pelas quais a controvérsia da sobrevivência nunca foi resolvida dentro da parapsicologia. Os fundadores da ciência logo aprenderam que descobrir prova de vida depois da morte, questão que realmente se tornou central para eles, Mo era tão fácil quanto solucionar um problema de lógica ou resolver uma equação algébrica.

O mais importante resultado desses anos de busca e indagação ocorreu em 1882, quando o grupo de Cambridge juntou-se com vários dos membros mais críticos do movimento espiritualista. Juntos, fundaram a Sociedade de Pesquisa Psíquica, que se tornou o primeiro corpo científico dedicado ao estudo do paranormal. A meta da Sociedade de Pesquisa Psíquica era investigar relatos de fenômenos psíquicos, estabelecer critérios sobre o que constituía prova e depois determinar a natureza desses acontecimentos. A Sociedade realizava esses estudos com uma estrutura mental crítica e muitas figuras notáveis da história britânica juntaram-se a ela, inclusive vários eminentes cientistas, assim como alguns líderes políticos.

A ciência da moderna parapsicologia nasceu dos esforços da Sociedade de Pesquisa Psíquica. Com o tempo, mesmo os elementos espiritualistas afastaram-se da sociedade, à medida que o grupo de Cambridge original começou a aplicar cada vez mais padrões críticos em seus estudos. Para o bem ou para o mal, a Sociedade finalmente livrou-se de suas primeiras associações religiosas. Passou a ser essencialmente uma sociedade dedicada a separar fato de ficção e fraude no estudo de fenômenos psíquicos. Os fundadores da Sociedade de Pesquisa Psíquica, puseram-se a estudar uma rica variedade de fenômenos paranormais, dos quais nem todos estavam relacionados diretamente com o problema da sobrevivência. Investigaram casos de telepatia ocorridos na vida cotidiana, iniciaram pesquisa experimental sobre transmissão de pensamento, examinaram casos de poltergeist e deixaram-se fascinar pelo estudo da hipnose. Mas o interesse central da Sociedade de Pesquisa Psíquica era a questão da sobrevivência.

Aparições e a Causa da Sobrevivência

Como os primeiros investigadores psíquicos realizaram boa quantidade de pesquisa de campo, não foi estranho que sua primeira prova de sobrevivência surgisse das experiências cotidianas do público britânico. Os fundadores da Sociedade de Pesquisa Psíquica estavam interessados em coligir e estudar casos de experiências psíquicas espontâneas ("vida real") e em 1886 reuniam grande número de casos de telepatia, experiências de aparições e outras anedotas psíquicas. O que impressionou esses grandes pensadores foi o número de relatos de aparições críticas incluídos em seus dados. Eram casos nos quais a aparição fora vista no mesmo momento em que a pessoa que a projetava efetivamente tinha morrido. Trinta e dois desses casos foram incluídos em sua coleção e os líderes da Sociedade de Pesquisa Psíquica acharam que uma investigação profunda desses relatos poderia ajudar a resolver a questão da sobrevivência².

O seguinte relato é típico daqueles primeiros casos. É datado de 20 de maio de 1884:

Eu estava uma noite sentada, lendo, quando, levantando os olhos de meu livro, vi distintamente uma colega minha, a quem eu era muito ligada, em pé perto da porta. Eu estava para soltar uma exclamação de estranheza pela sua visita quando, para meu horror, não vi mais sinais de alguém no quarto a não ser minha mãe. Contei a ela o que tinha visto, sabendo que ela não poderia ter visto, pois estava sentada de costas para a porta, nem ouvira qualquer coisa anormal. Divertiu-se muito com meu susto, sugerindo que eu havia lido demais ou tinha sonhado.

Um dia depois dessa estranha ocorrência, tive a notícia de que minha amiga não existia mais. A parte mais estranha é que nem sequer sabia que ela estava doente, muito menos em perigo, por isso não podia ter-me sentido ansiosa por sua causa na ocasião, mas talvez estivesse pensando nela, o que eu não posso testemunhar. Sua doença fora curta e sua morte muito inesperada. Sua mãe contou-me que ela falou de mim não muito tempo antes de morrer... Ela morreu na mesma noite e mais ou menos à mesma hora em que eu vi sua visão, o que aconteceu em fins de outubro de 1874.

Coube logo a Edmund Gurney investigar pessoalmente esses casos. Ele procurou cuidadosamente determinar se a testemunha era propensa a alucinações ou se poderia ter-se enganado quanto ao dia em que tivera sua experiência. As descobertas de seu trabalho de campo foram compatíveis com o depoimento da testemunha.

Os primeiros casos de aparição crítica foram, em sua maioria, menos que dramáticos. Essa peculiar banalidade impressionou os pesquisadores da Sociedade de Pesquisa Psíquica, pois estava em desacordo com o intenso drama que tipificava as histórias fictícias de fantasmas. De fato, um dos primeiros revisores dos trabalhos da Sociedade de Pesquisa Psíquica sugeriu que essas histórias tendiam mais a dar sono em quem as ouvia! Por exemplo, o seguinte caso foi relatado por um perplexo professor:

Há uns catorze anos, cerca de 3 horas de uma tarde de verão, eu passava em frente da Trinity Church, na Upper King Street, em Leicester, quando vi no lado oposto da rua um velho companheiro, que, tendo deixado a cidade para aprender alguma profissão, eu perdera de vista havia muito tempo. Achei estranho que não me tivesse dado atenção e, enquanto o seguia com os olhos decidindo se devia ou não abordá-lo, chamei-o pelo nome. Fiquei um tanto surpreendido por não ser mais capaz de segui-lo ou de dizer em que casa ele havia entrado, pois me deixara convencido de que entrara em alguma casa. Na semana seguinte, fui informado de sua morte um tanto repentina em Burton-on-Trent, mais ou menos na mesma hora em que eu estava certo de que ele passara diante de mim. O que me impressionou mais na ocasião foi ele não ter-me notado e ter prosseguido tão silenciosamente, desaparecendo tão repentinamente, mas que foi E.P. quem eu vi nunca duvidei por um momento sequer. Sempre considerei isso como uma alucinação, mas porque teria ocorrido naquele momento determinado e comigo, é coisa que nunca pude entender.

Entrevistas de seguimento comprovam que a testemunha nunca antes tivera uma alucinação. A Sociedade de Pesquisa Psíquica soube também que a testemunha contara a história a sua mãe antes de ter sabido da morte de seu companheiro. Infelizmente a mãe da testemunha morrera antes que a Sociedade de Pesquisa Psíquica realizasse sua investigação, com o que esse importante testemunho ficou perdido. No momento os pesquisadores da Sociedade de Pesquisa Psíquica foram capazes de desenterrar vários casos em que ainda tiveram à sua disposição testemunhos semelhantes. Em alguns casos, a aparição foi mesmo vista por mais de uma única pessoa, como no seguinte exemplo:

Há alguns anos, quando vivia em Woolstone Lodge, Woolstone, Berks, em cuja paróquia e igreja meu marido trabalhava, eu deixei a reunião da família uma noitinha depois do chá, para ver se nossa pajem alemã podia arranjar uma mocinha cônica para preparar sua sala de aulas para a manhã seguinte. Quando cheguei ao topo da escada, passou por mim uma mulher que nos deixara algum tempo antes. Usava um vestido de seda preta, com um "nuvem" de musselina sobre a cabeça e os ombros, mas sua seda rugia. Ela passou rápida e silenciosamente (a não ser pela seda) e desapareceu dois degraus abaixo, no fim de um comprido corredor que só levava a meu quarto de vestir e não tinha outra saída. Eu mal exclamara "Ó, Caroline", quando senti que ela tinha algo que não era natural e desci correndo de novo para a sala de estar, onde caí de joelhos ao lado de meu marido e desmaiei. Tiveram alguma dificuldade para fazer-me voltar a mim. Na manhã seguinte, vi que a princípio caçoavam de mim, mas depois se soube que uma pequena criada, quando limpava sua lareira, assustara-se tanto com a mesma aparição, "uma mulher sentada perto dela, de preto, com algo branco sobre toda sua cabeça e ombros, e as mãos cruzadas no colo", que *nada* conseguiu fazê-la voltar ao aposento. Ficaram com medo de contar-me durante a noite essa confirmação da aparição, pensando que isso abalaria meus nervos ainda mais do que já haviam sido abalados.

Por acaso, muitos de nossos vizinhos visitaram-nos na manhã seguinte: o sr. Tufnell, de Uffington, perto de Faringdon, o arqui-diácono Berens, o sr. Atkins e outros. Todos pareceram muito interessados e o sr. Tufnell não ficou contente enquanto não anotou as particularidades em sua caderneta e fez-me prometer que escreveria naquela mesma noite perguntando por minha prima, sra. Henry Gibbs. Ela passara alguns dias conosco pouco tempo antes e eu tinha uma carta inacabada para ela.

Escrevi imediatamente para meu tio (reverendo C. Crawley, de Hartpur, perto de Gloucester), e minha tia, contando tudo o que acontecera. Pela volta do correio, "Caroline está muito doente em Belmont (casa da família deles) e não se espera que viva"; e ela morreu no *mesmo dia* ou noitinha em que me fez aquela visita. O choque fora demais para uma pessoa não muito forte, e eu fui uma das poucas pessoas das famílias Crawley ou Gibbs que não puderam assistir ao funeral.

Felizmente, uma das testemunhas independentes ainda estava viva e pôde confirmar toda a série de acontecimentos para a Sociedade de Pesquisa Psíquica.

O fato de aparições parecerem ser genuínos fenômenos paranormais intrigou os fundadores da Sociedade de Pesquisa Psíquica. Essas aparições, perguntavam eles, constituem prova de que o homem possui uma alma libertada do corpo depois da morte? Essa parecia ser uma posição sustentável, a princípio, mas, quando começaram a examinar seus dados com mais profundidade, os pesquisadores gradualmente se tornaram menos seguros.

Um prolongado debate sobre a natureza de aparições adquiriu preeminência na pesquisa psíquica quando Edmund Gurney, F. W. H. Myers e seu colega Frank Podmore se juntaram para escrever seu estudo em dois volumes, *Phantasms of the Living*. Esta publicação foi o primeiro grande empreendimento da Sociedade de Pesquisa Psíquica e tornava claro que aqueles brilhantes pesquisadores não podiam concordar quanto à natureza de fantasmas... muito menos se eles representavam a alma libertada do corpo.

Edmund Gurney escreveu o grosso de *Phantasms*. Como estava fascinado pelo assunto da telepatia, não pôde livrar-se da idéia de que aparições resultavam

efetivamente de uma forma de transmissão de pensamentos. Acentuou que as aparições pareciam em essência pouco diferentes das imagens visuais que algumas pessoas "viam" durante a recepção de mensagem telepática. Isso levou-o a sugerir que aparições eram meramente uma forma mais perfeitamente exteriorizada de imagem mental. Era uma posição radical, mas Gurney sustentou seu ponto de vista com fundamentos empíricos, assim como teóricos. Acentuou que aparições não pareciam ser entidades objetivas, ocupadoras de espaço. Seus dados indicavam que elas nunca deixavam coisa alguma, apareciam e desapareciam sem deixar traços, podiam atravessar paredes e geralmente apareciam vestidas com roupas comuns. Essas pareciam ser marcas reveladoras de imaterialidade. Gurney mostrou que aparições se mostravam vestidas da maneira como as testemunhas podiam *esperar* vê-las. Isso indicava que as figuras eram parcialmente constituídas pela própria mente das testemunhas.

De maneira nenhuma essa foi a última palavra sobre a questão de aparições, pois F. W. H. Myers apressou-se em contestar seu colega. Objetou que a existência de aparições vistas coletivamente demonstrava sua realidade objetiva parcial. Sua teoria era que uma pessoa agonizante projeta-se através do espaço e exterioriza-se no local distante. O que se manifesta pode não ser puramente físico no sentido objetivo, mas representa uma invasão psíquica parcial de seu local de manifestação.

Edmund Gurney não podia acompanhar Myers em sua complicada reabilitação da ideia de que aparições são fenômenos objetivos. Por isso replicou sugerindo que aparições vistas coletivamente ocorrem através de uma forma de infecção telepática entre as testemunhas.

Enquanto os debates iam para trás e para frente, outros pesquisadores da Sociedade de Pesquisa Psíquica organizaram uma tentativa de reproduzir o estudo de *Phantasms*. Isso foi realizado em 1889 por meio de um levantamento entre o público britânico sobre suas experiências psíquicas. Os resultados foram publicados em 1894, como "Censo de Alucinações". Relatos de aparições críticas tiveram novamente presença destacada. A prova em favor desses casos era ainda melhor do que aquelas aparecidas em *Phantasms*.

Apesar da descoberta de tantos casos novos, parecia que o debate sobre a natureza de aparições estava caminhando para um impasse. Este estado de coisas levou alguns dos pesquisadores da Sociedade de Pesquisa Psíquica a estudar aparições *post-mortem*: isto é, aqueles fenômenos vistos muito tempo depois da morte dos agentes. Nesse estudo a Sociedade de Pesquisa Psíquica descobriu casos em que as aparições surgiram e transmitiram mesmo informação correta às testemunhas. Em outros casos, parecia que os fantasmas estavam interessados em realizar algum objetivo ou intenção que os consumira em vida. Uns poucos casos de casas assombradas convencionais também chamaram a atenção da Sociedade de Pesquisa Psíquica. Esses casos mostraram-se muito mais raros do que aparições críticas e alguns dos líderes da Sociedade de Pesquisa Psíquica tiveram dúvidas sobre seu valor. F. W. H. Myers estudou-os mais intensamente e logo concluiu que eles representavam "...manifestações de energia pessoal persistente", mas foi vigorosamente criticado por Frank Podmore. Podmore, que finalmente se tornou o cético presidente da Sociedade de Pesquisa Psíquica, acentuou que a maioria das

aparições *post-mortem* raramente revelava qualquer verdadeiro sentido de personalidade. Preferia acreditar que esses relatos eram falsos ou que as aparições eram criadas pela mente das próprias testemunhas, embora talvez em resposta à recepção de informação psíquica³.

Mediunidade e a Causa da Sobrevivência

O grande debate da Sociedade de Pesquisa Psíquica sobre a natureza de aparições ocupou a atenção do grupo de Cambridge desde a década de 1880 até parte bem avançada da década de 1890. Embora uma causa apriorística em favor da sobrevivência pudesse ser construída com base em seus dados, esses estudos de casos certamente não constituíam o tipo de prova sólida da imortalidade que os pesquisadores estavam procurando. Por isso, começaram a procurar essa prova em direções diferentes. Em resultado dessa expansão na abordagem da questão de sobrevivência é que os fundadores da Sociedade de Pesquisa Psíquica foram levados de volta ao movimento espiritualista, apesar de sua aversão pelas fraudes que sabiam ser abundantes em suas fileiras. Todos os fundadores da Sociedade de Pesquisa Psíquica haviam investigado médiuns espiritualistas em seus primeiros estudos e eram ambivalentes em relação a suas descobertas. Foram encorajados, porém, quando William James, o brilhante e respeitado psicólogo-filósofo da Harvard, procurou-os em 1885 com notícias espantosas: afirmara ele ter encontrado uma genuína médium de transe através da qual falara com seus supostos parentes falecidos.

O testemunho de uma fonte com mentalidade tão crítica não podia ser ignorado e ia abrir-se assim um novo capítulo na busca de prova pela parapsicologia.

A sra. Leonore Piper não era exatamente o tipo de trabalhador espiritualista que faz maravilhas. Era uma bostoniana de classe média e casada, que tivera uma vida eminentemente normal. Sua introdução no movimento espiritualista ocorreu somente após ter ela sofrido alguns problemas médicos em resultado de um acidente. Seu sogro sugeriu que ela consultasse um preeminente clarividente cego em Boston para ouvir o que ele tinha a dizer sobre possível tratamento. Foi durante sua primeira consulta que algo estranho aconteceu. A sra. Piper explicou posteriormente que, quando estava sentada ouvindo o clarividente, "o rosto dele pareceu tornar-se cada vez menor como se estivesse se distanciando, até gradualmente eu perder consciência do que me cercava". Ela entrara aparentemente em um transe espontâneo, que a surpreendeu pois até então não tivera o menor interesse pelo espiritualismo⁴. Começou a assistir a algumas das sessões regulares do dr. Cocke e logo descobriu que ela também tinha capacidade de transe. Não demorou muito para que se tornasse alvo dos comentários da comunidade espiritualista, pois durante seus transe seus clientes pareciam capazes de estabelecer contato com amigos e parentes falecidos.

A sra. Piper tinha apenas 25 anos de idade e sua nascente mediunidade provavelmente não teria atraído atenção científica se não fosse um feliz acontecimento. A sogra de William James ouviu falar da jovem médium, visitou-a e ficou tão impressionada por seu desempenho que chamou a atenção de James para

ela. James e sua esposa reuniram-se com a sra. Piper pouco tempo depois e ficaram espantados pelas mensagens precisas que ela recebia.

James assistiu a diversas sessões com a sra. Piper de 1885 a 1886 e vários dos incidentes que presenciou impressionaram-no particularmente. Durante uma sessão, por exemplo, foi dito ao psicólogo e seu irmão que sua tia (que morava em Nova York) morrera aos 30 minutos da noite anterior. James não tinha conhecimento do fato, mas como escreveu posteriormente: "Ao chegar em casa uma hora mais tarde, encontrei um telegrama dizendo o seguinte: Tia Kate faleceu alguns minutos depois da meia-noite."

A Sociedade de Pesquisa Psíquica ficava naturalmente impressionada por histórias como essa, de modo que, em 1887, decidiu tomar providências. Enviou um de seus mais críticos investigadores a Boston para examinar o caso e relatar os resultados. Richard Hodgson era um zeloso investigador, rigidamente cético, mas era também apaixonadamente dedicado à pesquisa psíquica. Partiu para Boston e acabou passando os dezoito anos seguintes de sua vida estudando a mediunidade da sra. Piper.

Richard Hodgson foi aos Estados Unidos em parte para assumir a direção do ramo americano da Sociedade de Pesquisa Psíquica, que William James ajudara a organizar. Seu primeiro grande projeto foi assumir completa responsabilidade pelo caso da sra. Piper. Seu plano era escolher pessoalmente as pessoas que assistiriam às sessões, examinar o ambiente da sra. Piper e certificar-se de que ela não estudava secretamente seus clientes. Chegou mesmo a fazer com que detetives a seguissem. Apesar desses formidáveis controles, a qualidade da mediunidade da sra. Piper permaneceu impressionante. Ela simplesmente se sentava com o cliente, sofria algumas pequenas convulsões, entrava em transe e logo uma curiosa personalidade que dizia chamar-se "dr. Phinuit" falava através dela e atuava como mestre de cerimônias da sessão. Hodgson nunca se deixou impressionar muito pelo dr. Phinuit, pois o conhecimento de francês do personagem era praticamente inexistente e ele nunca foi capaz de fazer um relato crível de sua vida terrena. Phinuit parecia realmente ser uma porção separada da própria mente da sra. Piper ou assim alegava Hodgson. Mas, apesar de suas duvidosas credenciais, o dr. Phinuit era muitas vezes brilhante ao trazer mensagens verídicas dos mortos.

Hodgson relatou mais tarde que, em sua primeira sessão na casa da sra. Piper, o dr. Phinuit descreveu com precisão e ajudou a trazer alguns de seus amigos falecidos. O controle mencionou especialmente um velho amigo de escola e chamou-o por seu verdadeiro nome. "Ele diz que vocês iam juntos à escola", falou ele a Hodgson. "Ele faz brincadeiras e ri. Diz que costumava ganhar de você. Ele teve convulsões antes de sua luta com a morte. Morreu em uma espécie de espasmo. Você não estava presente".

Toda essa informação bastante trivial era correta e alertou o dr. Hodgson de que ele estava diante de um caso com potencialidade de marcar época.

As comunicações que se seguiram à aparição de seu velho amigo impressionaram-no ainda mais. Hodgson era da Austrália e muitos anos antes de sua mudança para a Inglaterra apaixonara-se por uma moça. Nunca se casara e a mulher morrera

muito tempo antes daquelas sessões. Hodgson ficou espantado quando Phinuit começou a descrever a moça, que foi capaz de transmitir várias mensagens profundamente pessoais que mais do que qualquer outra coisa convenceram da autenticidade da mediunidade da sra. Piper.

Apesar da surpreendente natureza da prova, o dr. Hodgson não se sentia certo de estar realmente estabelecendo contato com os mortos. Era verdade que as mensagens pareciam vir do mundo dos mortos e ele passou meses supervisionando as sessões de outros clientes cuja experiência pessoal estava levando-os ao mesmo ponto de vista. Todavia, como muitos dos fundadores da Sociedade de Pesquisa Psíquica, Hodgson via-se lutando com o velho debate de telepatia versus comunicação de espíritos, que castigava o estudo de aparições. Era certamente razoável admitir que as mensagens da sra. Piper vinham dos mortos, mas era também possível que ela estivesse lendo a mente dos clientes e reunindo todas as informações pertinentes. Raciocinou ele que essas informações poderiam então ser usadas para construir representações perfeitas (mas falsas) dos mortos. Essa linha de raciocínio era tentadora, pois o principal controle da sra. Piper realmente parecia ser falso. Não foi preciso mais que um salto em fé e lógica para presumir que *todos* os espíritos que regularmente apresentavam através da sra. Piper tinham suas raízes psicológicas dentro da mente dela. Hodgson a princípio favoreceu ativamente esse ponto de vista que expôs em seu primeiro artigo importante sobre o caso⁵.

Não foi ele a única pessoa a receber mensagens tão probatórias, pois muitos dos clientes que escolhera em Boston anunciaram sucesso semelhante. Por isso, a fim de testar a sra. Piper em condições mais rigorosas, Hodgson e seus colegas decidiram que ela devia ir à Inglaterra e sentar-se com os líderes da Sociedade de Pesquisa Psíquica em pessoa. Eles estariam então em condições de supervisioná-la pessoalmente. A viagem permitiria também aos pesquisadores ter certeza de que a sra. Piper não estava secretamente descobrindo coisas sobre seus clientes, pois ela nunca visitara a Inglaterra e não poderia ter acesso a informações sobre eles. Os clientes neste caso seriam, naturalmente, os próprios pesquisadores.

A sra. Piper partiu para a Inglaterra em 1889 e foi recebida no porto por F. W. H. Myers e Oliver Lodge, influente físico da Universidade de Liverpool e um dos principais luminas da Sociedade de Pesquisa Psíquica. Os dois controlaram cuidadosamente todos os movimentos feitos por ela e chegaram mesmo, com seu consentimento, a abrir sua correspondência para certificar-se de que ninguém estava fornecendo-lhe informações. Apesar desses embaraços, ela realizou sessões para a Sociedade de Pesquisa Psíquica, tanto em Liverpool como em Cambridge, com extraordinário sucesso.

Seria impossível apresentar grandes detalhes sobre essas importantes sessões. Lodge foi talvez quem mais ficou impressionado pela sra. Piper, em parte devido a suas próprias experiências com ela⁶. O seguinte é um relato que Lodge fez a respeito de um incidente ocorrido durante uma de suas primeiras sessões. Convém lembrar que este é efetivamente apenas um episódio que ocorreu em uma sessão mais prolongada:

Acontece que um tio meu de Londres, então homem bastante idoso e um dos três sobreviventes de uma família muito grande, tinha um irmão gêmeo que falecera uns vinte ou mais anos antes. Interessei-o de maneira geral pelo assunto e escrevi-lhe que me emprestasse alguma relíquia de seu irmão. Na manhã de certo dia recebi pelo correio um velho e curioso relógio de ouro, que o irmão de meu tio havia usado e do qual gostava muito. Na mesma manhã, sem que ninguém tivesse visto ou sabido alguma coisa sobre o relógio, entreguei-o a sra. Piper quando em estado de transe.

Fui informado quase imediatamente que ele pertencera a um de meus tios - o qual gostava muito de tio Robert, nome do sobrevivente -que o relógio estava agora na posse desse mesmo tio Robert, com quem ele estava ansioso por comunicar-se. Depois de alguma dificuldade e muitas tentativas erradas, o dr. Phinuit pegou o nome Jerry, diminutivo de Jeremiah, e disse enfaticamente, como se uma terceira pessoa estivesse falando: "Este é meu relógio, Robert é um irmão e eu estou aqui. Tio Jerry, meu relógio".

Tendo assim ostensivamente entrado em comunicação por um meio ou outro com o que dizia ser um parente falecido, que eu de fato conhecera em seus últimos anos de cegueira, mas sobre cuja vida anterior nada sabia, fiz-lhe ver que, para que tio Robert tivesse conhecimento de sua presença, seria bom recordar alguns detalhes triviais de sua meninice, tudo o que eu relataria fielmente.

Ele apanhou bem a ideia e durante várias sessões sucessivas passou ostensivamente a instruir o dr. Phinuit para que mencionasse diversas pequenas coisas que permitiriam a seu irmão reconhecê-lo.

Tio Jerry relembrou episódios como o de nadar juntos no córrego quando eram meninos e correr risco de afogar-se, matar um gato no campo de Smith, a posse de uma pequena espingarda e de uma pele comprida e peculiar, como uma pele de cobra, que ele pensava não estar na posse de tio Robert.

Todos esses fatos foram verificados quase completamente.

O único problema com provas como essas era que a sra. Piper gostava de segurar as mãos de seus clientes. Céticos sugeriram que de alguma maneira o cliente podia comunicar informações à médium, fazendo alguns movimentos musculares inconscientes e sutis. Essa idéia foi especialmente defendida por Andrew Lang, membro antigo da Sociedade de Pesquisa Psíquica e pioneiro antropólogo e folclorista. Empenhou-se ele em longo debate com Lodge sobre essa questão nas publicações da Sociedade de Pesquisa Psíquica. Lang era cético em relação à sra. Piper, mas finalmente admitiu que a referência à "pele de cobra" citada acima era boa demais para ser descartada.

Vários dos líderes da Sociedade de Pesquisa Psíquica puderam trabalhar com a sra. Piper durante sua viagem. Prepararam um relatório conjunto sobre seu trabalho com ela, no qual chegaram a quatro principais conclusões: (1) que não havia razão para suspeitar da boa-fé ou honestidade da sra. Piper; (2) que o dr. Phinuit era provavelmente uma personalidade secundária da própria mente da médium; (3) que ele muitas vezes agia falsamente em algumas das sessões, mas (4) que em um dia bom ele podia trazer volumosa quantidade de material altamente probatório. Os pesquisadores da Sociedade de Pesquisa Psíquica não decidiram, porém, se essas mensagens provinham dos mortos, Esta foi a questão em que se dividiram irremediavelmente. Sir Oliver Lodge preferia essa teoria a qualquer outra quanto à fonte das comunicações da sra. Piper, mas a hipótese telepática apresentava-se fortemente e alguns pesquisadores eram favoráveis a ela.

Embora a Sociedade de Pesquisa Psíquica não pudesse chegar a acordo quanto à fonte das comunicações da sra. Piper, seus líderes não deixaram de estudar suas formidáveis aptidões. Ela regressou em 1890 a Boston, onde voltou a trabalhar sobre os auspícios de Hodgson. Embora as razões não fossem claras, parecia então que a qualidade de sua mediunidade estava melhorando. Algumas de suas sessões eram tão impressionantes que a hipótese telepática precisou ser muito forçada para poder explicá-las. Essa foi certamente a opinião do reverendo e sra. S. W. Sutton, que participaram pela primeira vez de sessões com a sra. Piper em 1893⁷. A esperança do casal era estabelecer comunicação com sua filha Katherine, que morrera apenas seis semanas antes. Os Sutton eram pessoas inteligentes e levavam consigo um instrumento de tomar notas fornecido pelo dr. Hodgson, de modo que até hoje temos um registro estenográfico completo do que se passou em sua crítica sessão de 8 de dezembro. Foi uma ocasião em que vários membros falecidos da família Sutton falaram através da sra. Piper, inclusive a filha do casal. A sessão é tão crucial para a compreensão da psicologia da mediunidade da sra. Piper que transcrevemos abaixo uma versão editorada dela.

A sessão começou quando a sra. Piper segurou as mãos do anotador. Seguiu-se logo seu transe e então a sra. Sutton tomou as mãos da médium. Não demorou muito para que o enigmático dr. Phinuit fosse capaz de trazer a filha do casal. Ele quase começou a sessão com as palavras: "Uma criança está chegando". Os Sutton puderam então ouvir o controle pedindo à criança que chegasse até ele e depois falou como se ele fosse a menina. Isto era típico do controle, que frequentemente agia dessa maneira. Ele estendeu a mão para uma medalha e uma tira de botões que os Sutton haviam colocado sobre a mesa de sessão e depois falou:

Dr. Phinuit

Eu quero isso... Quero morder isso. Depressa, quero pôr isso na boca...

Farei com que ela fale com vocês em um minuto. Quem é Frank no corpo?

Está aqui uma senhora que deixou o corpo com um tumor na barriga.

Ela está com a criança... Está trazendo-a para mim. Quem é Dodo? Diga-me depressa. Quero que você chame Dodo. Diga a Dodo. Eu estou feliz. Não chore mais por mim.

(Phinuit põe as mãos na garganta.) Não há mais dor de garganta. Papai, fale comigo. Não pode verme? Eu não estou morta. Eu estou viva.

Anotações da sra. Sutton

Ela costumava morder aquilo. Os botões também. Morder os botões era proibido. Ele imitou exatamente sua maneira brejeira. Nós não sabemos. Meu tio Frank morrera alguns anos antes. Éramos muito apegados. Possivelmente Phinuit estava confuso e meu tio tentava comunicar-se.

Minha amiga, Sra. C., morreu de tumor ovariano.

O nome de seu irmão George...

Ela tinha dor na garganta e na língua.

Minha mãe havia morrido muitos anos antes.

Estou feliz com vovó. (Phinuit agora fala por si mesmo.) Aqui estão mais dois. Um, dois, três aqui... Um mais velho e um mais moço do que Kakie. Aquele é menino. O que veio primeiro. A pequena chama a mulher de tia. Gostaria que você pudesse ver estas crianças. (Dirigindo-se à sra. Sutton, para a qual se volta) Você faz muito bem no corpo. (À sra. Sutton) Ele é um homem querido. A língua da pequena era muito seca? Ela fica mostrando-me sua língua. Seu nome é Katherine. Ela chama a si própria de Kakie. Ela foi a última a morrer. Diga a Dodo que Kakie está em corpo espiritual. Onde está o cavalo? O cavalo grande, não este pequeno. Querido papai, leve-me para cavalgar. (Falando como Katherine.) Você está vendo Kakie? As flores brancas que você pôs em cima de mim estão aqui comigo. Eu tirei as pequenas almas delas e guardo-as comigo. Papai, eu quero andar a cavalo. Todos os dias eu vou ver o cavalo. Eu gosto daquele cavalo. Eu vou cavalgar. Eu estou com vocês todos os dias.

Correto.

Os dois eram meninos.

Não era sua tia.

A língua dela estava paralisada e ela sofreu muito no fim.

Correto.

Eu dei a ela um cavalinho. Provavelmente se refere a um carro e cavalo de brinquedo de que ela gostava.

Phinuit descreve lírios do vale, que foram as flores que pusemos sobre seu caixão.

Ela pediu isso durante todo o tempo em que estava doente.

Perguntei se ela se lembrava de alguma coisa depois que foi levada pela escada para baixo.

Eu estava tão quente, minha cabeça estava tão quente.

Correto.

Mais algumas mensagens foram recebidas e Kakie referiu-se a sua irmã Eleanor pelo nome. Depois, grande surpresa dos Sutton, a comunicadora começou a cantar uma canção que fora cantada para ela antes de morrer. A pequena comunicadora pediu a seus pais que cantassem junto com ela e eles atenderam. Quando estavam cantando, puderam ouvir uma suave voz infantil saindo da boca da médium e entoando com eles as palavras exatas. Duas estrofes foram cantadas antes que a sessão pudesse prosseguir. Depois a criança cantou através do médium em transe ainda outra canção que ela conhecera em vida. Parecia de fato que a criança estava falando diretamente através da sra. Piper e não usava mais o controle como intermediário. O que impressionou muito os Sutton é que essas duas canções eram as duas únicas que a criança conhecia inteiramente. Phinuit pareceu reintroduzir-se neste ponto e a sessão continuou:

Dr. Phinuit

Onde está Dinah? Eu quero

Dinah.

Eu quero Bagie. Eu vejo Bagie

Anotações da sra. Sutton

Dinah era uma velha boneca

de trapo preta que não estava

conosco.

o tempo todo. Diga a Dodo

O nome que ela dava a sua

quando o vir que eu o amo.

irmã Margaret.

Querido Dodo. Ele gostava de

andar comigo. Ele me erguia.

Correto.

Dodo cantou para mim. Aquele era um corpo horrível. Eu tenho um corpo bonito agora. Diga a vovó que eu a amo. Quero que ela saiba que eu vivo. Vovó sabe disso. Marmie... bisavó. Marmie.

Nós chamávamos sua bisavó de *Marmie*, mas ela sempre a chamou de *Grammie*. Tanto a avó como a bisavó estavam então vivas.

Com provas como essas aparecendo, o dr. Hodgson começou a duvidar que a ideia de telepatia pudesse explicar as manifestações da sra. Piper. Mesmo o dr. Phinuit um tanto discutível, mas rudemente simpático, começou a provar-se um pouco. Mas não foi senão quando um dos amigos do próprio Hodgson morreu e começou a comunicar-se através da sra. Piper que ele finalmente mudou todo seu veredicto sobre a mediunidade dela. Este novo desenvolvimento ocorreu em 1892, durante um estágio crucial da mediunidade.

Antes de 1892, a mediunidade da sra. Piper caracterizava-se por dois aspectos. Ela sempre transmitia suas mensagens por meio de fala em transe e sua passagem para o estado de transe era acompanhado por convulsões e espasmos. Esse era o estágio da mediunidade dominado pela personalidade sempre presente do dr. Phinuit, para grande pesar dos pesquisadores que o consideravam como nada mais do que uma subpersonalidade da médium. Mas em 1892 a sra. Piper começou a desenvolver (sob a orientação da Hodgson) escrita automática, que logo superou a fala em transe. A passagem para o estado de transe também se tornou mais delicada e mais fácil durante esse período. A verdadeira mudança no estado de transe ocorreu, porém, com o aparecimento de um novo controle. George Pellew (que Hodgson chamou de "George Pelham" em todos os seus escritos sobre o caso) era um jovem amigo do pesquisador, de mentalidade filosófica. Ele próprio participara de uma sessão com a sra. Piper antes de sua morte e durante muito tempo se mostrara intrigado pelo problema da mediunidade em transe. Sua morte ocorreu em 1892 em resultado de um acidente e não demorou muito para que ele começasse a comunicar-se através da sra. Piper. Logo assumiu completo controle do estado de transe da sra. Piper.

O aparecimento do controle Pelham também foi acompanhado por uma nova dimensão na qualidade da mediunidade, que se tornou mais focalizada e consistentemente probatória. Hodgson usou também a figura de Pelham para testar a possível base espírita de toda a mediunidade. Nos vários meses seguintes, levou às sessões 150 pessoas, das quais 30 haviam conhecido Pelham durante sua vida. O controle Pelham foi capaz de reconhecer com precisão 29 delas. Sua única falha ocorre quando deixou de reconhecer uma mulher que só conhecera em criança. A

maioria dos clientes foi capaz de conversar e entregar-se a reminiscências com a personalidade de Pelham, como se ele estivesse ali fisicamente presente, e a qualidade de suas numerosas conversações em transe foi sem dúvida igual à das sessões dos Sutton. Hodgson ficou tão impressionado por essa nova personalidade que em 1898 fez outro relatório sobre a sra. Piper, no qual esboçou suas razões para converter-se à teoria espírita.⁸

A história subsequente da mediunidade de Piper não é menos impressionante ou dramática. Ela passou por várias mudanças de controle e, depois de o dr. Hodgson morrer subitamente em 1905, se comunicou através dela. A mediunidade da sra. Piper começou a deteriorar-se em 1911, quando ela perdeu completamente seu estado de transe, embora a escrita automática continuasse ainda por vários anos. Ela realizou sessões até parte bem avançada da década de 1920 e faleceu em 1950.

Talvez pareça agora que toda a causa da sobrevivência poderia ser baseada na mediunidade de Piper. Mesmo com qualidade probatória tão alta, porém, alguns dos integrantes da velha guarda da Sociedade de Pesquisa Psíquica mostravam-se céticos em relação à hipótese espírita. Por exemplo, vários dos "comunicadores" da sra. Piper eram ainda caracteres fictícios e mesmo os comunicadores mais críveis - que não deveriam deixar-se enganar - sustentavam a legitimidade daqueles clamorosamente fictícios. Mesmo a personalidade altamente considerada de Pelham não era capaz de discutir muito bem questões filosóficas através da sra. Piper, embora se interessasse muito pelo assunto quando vivo. Na esperança de esclarecer alguns desses problemas é que a Sociedade de Pesquisa Psíquica continuou sempre à procura de novos e bem dotados médiuns de transe. Este desenvolvimento foi certamente fortuito em um aspecto, pois muitos dos fundadores originais da Sociedade de Pesquisa Psíquica estavam morrendo. Cabia então a uma segunda geração de pesquisadores continuar seu trabalho.

As Correspondências Cruzadas

F. W. H. Myers morreu em 1901, um ano depois da morte do professor Henry Sidgwick. Gurney havia morrido tragicamente, por possível suicídio, alguns anos antes. A liderança da Sociedade de Pesquisa Psíquica caiu então nas mãos de um grupo de novos intelectuais encabeçados por Alice Johnson, que era protegida da esposa do professor Sidgwick, e J. G. Piddington, um advogado que logo dedicou toda sua atenção à pesquisa psíquica. Esses pesquisadores lançaram-se ao estudo da mediunidade da sra. Piper, mas começaram também a trabalhar com vários outros médiuns de transe que apareceram em cena. Os principais deles foram a sra. Margaret Verrall, esposa de um professor de clássicos de Cambridge, e sua filha Helen. Ambas conheciam bem o trabalho da Sociedade de Pesquisa Psíquica antes de desenvolverem efetivamente sua mediunidade. A Sociedade de Pesquisa Psíquica passou a estudar também os escritos automáticos da irmã de Rudyard Kipling na Índia, que seus relatórios identificavam apenas como "Sra. Holland". Fora ela realmente quem estabelecera contato com a Sociedade quando se vira de repente recebendo escritos automáticos do sobrevivente F. W. H. Myers. A última desse grupo de novos médiuns de transe foi uma mulher chamada apenas "Sra

Willett" nos relatórios e que era uma das mais talentosas do grupo. Somente anos depois de sua morte é que sua identidade foi revelada como sendo a Sra. Winifred Coombe-Tenant, preeminente estadista britânica da época. Foi extremamente afortunado para a Sociedade de Pesquisa Psíquica encontrar tantos médiuns talentosos, pois parecia que os próprios fundadores falecidos da Sociedade estavam ansiosos por estabelecer comunicação a partir do além.

Que esses eminentes intelectuais procurassem contato com seus colegas não é surpreendente, mas o que surpreendeu foi natureza de suas comunicações. Às vezes um dos médiuns, trabalhando sozinho em casa, escrevia uma mensagem que tinha pouco sentido, mas que parecia relacionar-se com o que um dos outros estava escrevendo mais ou menos ao mesmo tempo. Essas mensagens muitas vezes pareciam vir do falecido Myers. Piddington e Johnson perceberam logo que curiosos quebra-cabeças estavam sendo comunicados através desses escritos, pois quando as mensagens eram juntadas aparecia uma importante comunicação. Esses quebra-cabeças, que foram imediatamente chamados "correspondências cruzadas", representam um importante capítulo na literatura sobre mediunidade e transe. Continuaram durante anos e parecia que Myers estava inventando seu próprio meio pessoal de provar sua sobrevivência aos colegas que havia deixado⁹.

Algumas dessas correspondências cruzadas tornaram-se enormemente complexas, pois Myers tinha o hábito de tirar seu material e suas citações da literatura clássica grega e latina. A maioria dos médiuns ignorava essa literatura, mas Myers era uma autoridade na matéria, de modo que sua escolha era certamente apropriada. Um dos primeiros exemplos é o caso das tumbas Medici que o pretense Myers comunicou através de vários médiuns da Sociedade de Pesquisa Psíquica em 1906. A correspondência cruzada veio à luz pela primeira vez quando a sra. Holland estava visitando a Inglaterra naquele ano. Alguns de seus escritos privados daquele período continham mensagens de Myers aludindo à morte, sono, sombras, aurora, noitinha e manhã. Nenhuma pista para o significado desses termos era dada, a não ser que estava acrescentado o nome "Margaret" (Verrall). Essas crípticas alusões sugeriram imediatamente que se tratava de um caso de correspondência cruzada. Por isso, depois de tomar conhecimento das mensagens, Alice Johnson e Piddington começaram a conferir os escritos que seus outros médiuns estavam produzindo e mandando para eles. Como a sra. Piper estava também visitando a Inglaterra nesse mesmo tempo, J. G. Piddington fez, poucos meses mais tarde, uma sessão com ela, que disse as seguintes palavras ao sair de um transe: "Morehead - laurel por laurel. Eu digo para dar isso a ela como laurel. Adeus". Ela viu também a aparição de um negro. Isso realmente também não tinha muito sentido, motivo porque Piddington realizou outra sessão com a sra. Piper no dia seguinte. Nesta sessão, Myers comunicou-se diretamente e explicou que a chave para a mensagem críptica podia ser encontrada pelo exame dos escritos da sra. Verrall. (Convém lembrar que essa mesma mensagem era mencionada nos escritos germinais da sra. Holland.) Verificou-se que o desencarnado Myers estava um pouco errado, pois as alusões seguintes ao quebra-cabeça vieram em escritos de Helen Verrall elaborados em Cambridge. Ela seguiu o tema do laurel escrevendo um dia: "Túmulo de Alexander - folhas de louro, são emblemas, lauréis para a testa do vencedor". A sra. Holland estava ainda sob a influência do pretense Myers, pois pouco depois de chegarem os escritos de Verrall ela se viu escrevendo uma noite: "Trevas, luz, sombra, cabeça de Alexander Moore".

Deve-se notar que nenhuma das médiuns estava em contato com qualquer uma das outras.

Parece haver pouca dúvida de que todas essas mensagens estavam inter-relacionadas, embora provavelmente tenham pouco sentido para o leitor moderno. Mas os líderes da Sociedade de Pesquisa Psíquica eram versados em literatura clássica e história, e para eles as alusões tinham considerável sentido. A chave veio quando a sra. Willett entrou em contato com a Sociedade de Pesquisa Psíquica, entregando-lhe alguns de seus escritos automáticos que continham as palavras: "Túmulo laurenciano. Aurora e Crepúsculo".

Tornou-se então evidente que todas essas mensagens referiam-se aos túmulos da família Medici na Itália. J. G. Piddington explica em seu relato sobre essa correspondência cruzada que o louro era o emblema familiar de Lourenço, o Magnífico, patriarca dos Medici em certa época. Outros símbolos esculpidos nos túmulos da família representam aurora e crepúsculo. A alusão a Alexander não era muito enigmática, pois Alessandro de Medici fora outro membro da família. Ele era conhecido como "Mouro" por causa de sua herança mulata e foi sepultado secretamente nos túmulos dos Medici.

O caso dos túmulos dos Medici é realmente bastante simples e compacto. Algumas das outras correspondências cruzadas eram muito mais complexas e levaram anos para serem completadas. O auge das correspondências cruzadas provavelmente ocorreu em 1906, quando a sra. Piper ainda estava na Inglaterra. Durante uma de suas sessões com ela, Piddington dirigiu ao pretense Myers uma mensagem especialmente construída que preparou o cenário. Explicou ele a "Myers" através da sra Piper: "Temos conhecimento do esquema de correspondências cruzadas que você está transmitindo através de vários médiuns e esperamos que continue com elas. Tente dar a A e B duas mensagens diferentes, entre as quais não seja perceptível a menor ligação. Depois, logo que possível, dê a C uma terceira mensagem que revele as sugestões ocultas. Propôs também que Myers designasse suas alusões à correspondência cruzada assinando os escritos pertinentes com um triângulo transcrito dentro de um círculo.

Havia um importante aspecto nessa mensagem, pois *foi lida para a médium em transe em latim ciceroniano*. A sra. Piper naturalmente não entendia latim e muito menos um dialeto tão obscuro, mas a língua era bem dominada por Myers quando vivo. Os controles da sra. Piper responderam à mensagem dizendo que a entendiam.

Demorou apenas algumas semanas para que o falecido Myers decifrasse essa complicada correspondência cruzada. Entre 17 de dezembro e 2 de janeiro, alusões aos temas de estrela, esperança e a poesia de Robert Browning começaram a aparecer nos escritos da sra. Verrall e sua filha. Essas alusões tiveram pouco sentido para Piddington até quando, em uma sessão com a sra. Piper em Londres, ele recebeu uma mensagem para "procurar Esperança, Estrela e Browning". As alusões adquiriram sentido perfeito quando Piddington estudou Browning e descobriu que a correspondência cruzada relacionava-se com os temas contidos em seu poema *Abt Vogler*.

As correspondências cruzadas continuaram durante anos e gradualmente começaram a diminuir na década de 1910. Os líderes da Sociedade de Pesquisa Psíquica acharam que elas eram prova muito convincentes da sobrevivência, embora tendam a ser muito problemáticas para apreciá-las plenamente. Escrevendo em 1972, o dr. Robert Thouless - psicólogo britânico e autoridade no problema da sobrevivência - chegou a sugerir que, "se esta é uma experiência inventada do outro lado do túmulo... penso que deve ser julgada uma experiência mal planejada. Forneceu uma massa de material cujo valor probatório é muito difícil de julgar e sobre a qual há opiniões variadas"¹⁰.

O veredicto do dr. Thouless é um pouco severo, mas ecoa os sentimentos de muitos pesquisadores contemporâneos. Ainda assim, é importante notar que os pesquisadores que estudaram mais intensamente as correspondências cruzadas passaram a encará-las como uma prova forte e quase irrefutável da vida depois da morte. A única exceção foi, como sempre, o cético Frank Podmore, o qual acreditava que telepatia entre os médiuns podia explicá-las. Focalizou-se especialmente na sra. Verrall como fonte do vazamento, pois só ela entre os médiuns tinha bom conhecimento dos clássicos.

Novos Desenvolvimentos na Pesquisa Sobre Mediunidade

O declínio da mediunidade da sra. Piper e das correspondências cruzadas em geral depois de 1910 aproximadamente não impediu porém o progresso da pesquisa sobre sobrevivência na Grã-Bretanha. Apenas encerrou um capítulo na busca, ao mesmo tempo que iniciavam outros. Pesquisadores psíquicos estavam-se tornando a essa altura mais sofisticados e começando a perceber que precisavam de novos meios de exploração da natureza da mediunidade de transe. Essa oportunidade surgiu em 1915, quando Sir Oliver Lodge chamou a atenção da Sociedade de Pesquisa Psíquica para outro grande médium. Era uma mulher nascida na Inglaterra que apresentava um guia de transe chamado "Feda", que por sua vez afirmava ser da Índia, onde morrera quando criança. Pode parecer improvável, mas a pesquisa com essa talentosa médium de transe iria ocupar a pesquisa psíquica organizada nas duas décadas seguintes e ainda além.

A sra. Gladys Osborne Leonard nasceu em 1882. Vivenciou visões e encontros paranormais quando criança, mas, como aconteceu com muitos outros médiuns, sua mediunidade não desabrochou até quando começou a fazer experiências com inclinação de mesas no porão de um teatro onde trabalhava como atriz. Seguiram-se transes e, em 1915, ela estava se tornando preeminente nos círculos espiritualistas de Londres. Um amigo de Sir Oliver Lodge e sua esposa assistiram a uma de suas sessões naquele ano e ficaram suficientemente impressionados para recomendá-la ao físico. Lodge participou de sessões com ela depois de ouvir falar em seus talentos. Ele e sua esposa receberam diversas comunicações probatórias de seu filho, que fora morto na guerra. A mais impressionante peça de prova foi a detalhada descrição de uma fotografia que o comunicador afirmava ter sido tirada dele com seu pelotão. Essa fotografia chegou pelo correio algum tempo depois da sessão¹¹.

Lodge estava perfeitamente familiarizado com a psicologia de mediunidade devido a sua longa associação com o trabalho da sra. Piper, mas coube a novos e mais inovadores pesquisadores explorar as possibilidades oferecidas pela mediunidade da sra. Leonard.

Provavelmente a mais célebre série de experiências feitas com a sra. Leonard foi realizada por Ann Radclyffe-Hall, a célebre romancista que então servia no conselho da Sociedade de Pesquisa Psíquica, e Una, Lady Troubridge, em 1919. O principal comunicador durante essas sessões foi uma amiga falecida da sra. Radclyffe-Hall, mencionada apenas por suas iniciais (A.V.B.) nos relatos¹². As duas investigadoras tiveram sua primeira sessão com a sra. Leonard na casa dela, em 19 de agosto. Na ocasião, Feda descreveu uma mulher de cerca de 60 anos que desejava comunicar-se. Também descreveu as feições da mulher e a maneira como ela penteava seus cabelos. Esses indícios permitiram à sra. Radclyffe-Hall identificar a comunicadora, pois sua amiga falecera pouco tempo antes, aos 57 anos de idade. A personalidade A.V. B. também se comunicou na sessão seguinte, na qual Feda explicou como a comunicadora "olha de lado para as pessoas às vezes, sem mover a cabeça, ela está olhando assim para você agora". Isso tudo era característico da sra. A.V.B. quando viva e a descrição impressionou as participantes.

A mais crítica sessão da série talvez tenha sido a realizada em 22 de novembro. A comunicadora aproveitou essa ocasião para apresentar um grupo de mensagens probatórias a respeito de uma viagem às ilhas Canary que ela e a sra. Radclyffe-Hall haviam feito certa vez. A personalidade descreveu as cenas de suas aventuras e finalmente mencionou que ilhas haviam visitado. Citando dos registros da sessão:

Feda:	Você sabe alguma coisa a respeito de uma ilha, que não fica longe de lá?
A.R.H.:	Sim, eu sei alguma coisa a respeito de uma ilha.
Feda:	De repente ela disse: "Ilha, ilha, ilha". Ela fica mostrando a Feda um pedaço de terra que se ergue no meio da água e diz: "É um pedaço de terra erguendo-se na água".
A.R.H.:	Sim, é uma ilha.
Feda:	Ela diz que o lugar se chama Ter... ter... terra... Oh! Feda não é capaz de lembrar, mas quer dizer que é um lugar chamado Ter... te... não é capaz de entender, mas começa com Te. É tener... Ten... Ten... O que, senhora? Tener...
A.R.H.:	Tener está certo.
Feda:	Tenen... Teneri... i... i... if... fe... Teneri-fer. Ela diz que não concorda com o "fer", diz que Tener está certo, diz para cortar o último "er" e está certo.
Feda:	(<i>Sotto vocé</i> : Tenerife, é Tenerife!) Ela continua dizendo uma ilha, é uma ilha, diz ela, e diz que é um lugar bonito, ela diz "Tenerife!" Sabe? Ela soltou isso de repente. Ela fingiu que estava exasperada por você não compreender. Pensou que Feda entenderia se ela fingisse estar

	zangada. Agora ela está dizendo que há aquele lugar chamado M... Masager... Masager... Maza.
A.R.H.:	Maza está certo, Feda.
Feda:	Mazaga... Mazager... Mazagi... Mazagon... (omitimos aqui vários outros esforços da parte de Feda para pronunciar o nome, esforços que terminaram com <i>Mazagal</i> .)
A.R.H.:	Não é Mazagal, Feda.
Feda:	Mazagan!
A.R.H.:	Isso mesmo, Feda.

Mazagan era o nome de uma cidade do Marrocos que as duas mulheres haviam visitado a caminho das ilhas Canárias.

Em uma sessão posterior, Ann Radclyffe-Hall fez uma pergunta que era um teste para a comunicadora. Perguntou a Feda (através da médium em transe) se a comunicadora era capaz de lembrar a palavra "poon". Feda imediatamente replicou que a comunicadora estava rindo e respondendo que a palavra era usada para expressar um estado ou condição. Essa resposta correta encorajou Ann Radclyffe-Hall a pedir à comunicadora que citasse a outra palavra que elas haviam cunhado. Feda pareceu ter dificuldades para receber a palavra da entidade, por isso a questão foi deixada de lado no momento. Mas na sessão seguinte Feda interrompeu de repente sua linha de pensamento para exclamar: "Sporkish! Sporkish! Ela diz que é a antítese de poon".

Estava certo. As duas mulheres haviam inventado essas palavras como um código secreto para designar as pessoas cujas disposições lhes agradavam ou aborreciam.

As sessões realizadas por Ann Radclyffe-Hall e Una, Lady Troubridge, para estabelecer contato com A.V.B. duraram dois anos. A comunicadora desenvolveu mesmo a capacidade de controlar diretamente a médium, que falava com as mesmas características vocais típicas da fala da mulher viva. Este aspecto dramático de mediunidade da sra. Leonard não foi um caso isolado, pois muitas outras pessoas que participaram de sessões durante aqueles anos presenciaram seus parentes falecidos controlando diretamente o transe. Todas as maneiras da sra. Leonard mudavam nessas ocasiões e ela adotava as características vocais e mesmo físicas dos comunicadores. Essas verossimilhanças eram extremamente impressionantes para muitas das pessoas que participavam das sessões.

Apesar de serem extremamente comprobatórios, os relatos de Radclyffe-Hall pouco contribuíram realmente para a questão de sobrevivência. Apesar da qualidade muito dramática da mediunidade e das provas da sra. Leonard, os céticos ainda sustentavam que a informação crucial fora telepaticamente extraída da mente dos próprios participantes das sessões. Era evidente que havia necessidade de uma nova abordagem no estudo da mediunidade, e isso aconteceu quando C. Drayton Thomas, clérigo britânico e membro ativo da Sociedade de Pesquisa Psíquica, começou a trabalhar com a sra. Leonard em 1917. Ele se reunia regularmente com a

médium na casa dela em Londres e recebia volumosas mensagens de seu pai e irmã falecidos. Drayton Thomas estabeleceu também uma espécie peculiar de teste com a entidade de seu pai, que se tornou conhecida como "teste de livro" e que iniciou um capítulo na busca de provas de sobrevivência psíquica¹³. Para essas experiências, Drayton Thomas pedia ao comunicador que examinasse psiquicamente livros que se encontravam dentro de um pacote fechado ou estavam na biblioteca de sua casa. A idéia era forçar o comunicador a fornecer informações que não podiam ser tiradas da mente do participante da sessão.

Essas experiências deram resultados extremamente bons. Um dos mais dramáticos testes dessa espécie ocorreu em uma das primeiras sessões de Drayton Thomas com a sra. Leonard. Ele explica em seu relato que estava sentado em sua casa certa noite quando ouviu algumas batidas peculiares. Seu primeiro pensamento foi que poderiam ser tentativas de seu pai para estabelecer contato psíquico com ele. Participou logo depois de uma sessão com a sra. Leonard, quando soube mais coisas sobre o mistério. Feda - sem qualquer incentivo da parte de Drayton Thomas - aludiu espontaneamente ao incidente e afirmou que fora ela quem batera na casa do clérigo. Feda trouxe então o pai de Drayton Thomas, o qual transmitiu através dela uma mensagem bastante críptica. O comunicador disse a seu filho que voltasse para casa e procurasse um volume "... atrás da porta de seu estúdio, na segunda estante a partir do chão e quinto livro à esquerda. Perto do alto da página 17 você verá palavras que parecem indicar o que Feda estava tentando fazer quando deu batidas em seu quarto". O comunicador acrescentou: "Agora que sabe que foi tentativa de Feda, você verá o inconfundível significado dessas palavras".

O clérigo mal pôde esperar até chegar em casa para ver se Feda e seu pai estavam certos. O livro designado na sessão era um volume de Shakespeare. A página indicada continha um trecho muito apropriado de *Henrique IV*, que dizia: "Eu não te responderei com palavras, mas com pancadas".

Sucessos como esse foram numerosos e sua exatidão não podia ser explicada como resultado de coincidência. De fato, alguns dos outros pesquisadores da Sociedade de Pesquisa Psíquica -incentivados pelos sucessos de Drayton Thomas - realizaram testes de livro simulados entre eles e praticamente nenhum resultado obtiveram. Drayton Thomas expandiu mais tarde essas experiências, fazendo com que a personalidade de seu pai predissesse palavras e trechos que apareceriam nos jornais do dia seguinte. Essas experiências foram também muito bem-sucedidas.

Os resultados certamente indicaram que a sra. Leonard possuía extraordinária aptidão psíquica. Drayton Thomas conseguiu também demonstrar que simples telepatia não podia explicar grande parte das informações que o fantasma de seu pai estava comunicando. Por isso, declarou-se favorável à interpretação espírita das comunicações. Lembrando hoje essas experiências dentro de uma perspectiva mais moderna, as opiniões de Drayton Thomas parecem um pouco falhas. Durante esses anos críticos, os pesquisadores, infelizmente, não perceberam que um médium podia aproveitar-se de clarividência e precognição tão facilmente quanto de telepatia. Assim, o cético contemporâneo poderia facilmente argumentar que a sra. Leonard simplesmente usava seus próprios poderes psíquicos para ler os livros e jornais, e depois colocar a informação na boca de seus (pretensos) comunicadores.

Este tipo de teorização é difícil de refutar, mas não explica a curiosa psicologia dos testes de livro. Drayton Thomas foi capaz de provar que a personalidade de seu pai conseguia maior sucesso quando aludia a livros que haviam sido seus favoritos pessoais em vida. Esta descoberta parece muito mais compatível com a teoria espírita. Se a sra. Leonard estivesse contando com seus próprios poderes psíquicos durante os testes, seria igualmente bem-sucedida com qualquer um dos volumes.

O reverendo C. Drayton Thomas passou a explorar vários outros aspectos da mediunidade da sra. Leonard. Finalmente chegou à conclusão de que o melhor meio de testar a mediunidade era separar completamente o cliente da sessão efetiva. Isso levou-o a implementar o que chamava "sessões de intermediário", nas quais ele se sentava com a médium na ausência do cliente. Simplesmente comparecia à sessão e explicava a Feda que estava representando uma pessoa ausente que desejava estabelecer contato com um comunicador específico. Sua esperança era que Feda fosse capaz de trazer o indivíduo desejado mesmo nessas rigorosas condições. Os resultados combinados das numerosas sessões de intermediário realizadas por Drayton Thomas e posteriormente pela secretária de Sir Oliver Lodge demonstraram que o processo não prejudicava os resultados. As mais célebres dessas numerosas sessões de intermediário foram relatadas pela Sociedade de Pesquisa Psíquica em 1935. Tratava-se de uma série de sessões que o clérigo realizou em nome de um estranho que lhe escrevera. O cavalheiro desejava estabelecer contato com seu neto, que falecera apenas um mês antes.

Drayton Thomas sentia-se cético inicialmente, pois pensava que um comunicador tão jovem não conseguiria falar através da médium. Suas dúvidas logo se dissiparam. "Bobbie Newlove" foi capaz de comunicar-se com o auxílio dos controles da médium e demorou pouco tempo para enviar a seu avô uma série de mensagens verídicas. Entre essas mensagens estava a descrição correta de um saleiro em forma de cão que ele possuía em vida, um traje de propagandista que usara certa vez e mesmo o nome da rua que margeava a sua escola. A mais provocadora mensagem que o menino comunicou referia-se a alguns canos localizados em um terreno perto de sua escola, onde ele gostava de brincar. Esses canos foram posteriormente encontrados e constatou-se que o menino certa ocasião ficara doente provavelmente por ter bebido água estagnada que escorria deles.

Quase no final de sua mediunidade, a sra. Leonard desenvolveu o que poderia ser considerado prova definitiva da sobrevivência. Os clientes podiam ouvir na sala de sessões uma terceira voz que frequentemente sussurrava informações para Feda (que controlava diretamente a fala da médium). Essa voz era às vezes muito alta e foi frequentemente registrada por um gravador de fita, instrumento mecânico novo na época e que era usado para o registro permanente da mediunidade da sra. Leonard. As fitas que eu ouvi pessoalmente são extremamente impressionantes, pois a "voz direta" é alta e clara, sendo decididamente de homem. (Essas fitas foram gravadas durante algumas sessões de Drayton Thomas e a voz direta é pretensamente a de seu pai.) A voz às vezes soa como se houvesse uma terceira pessoa na sala e fala frequente e atrevidamente durante toda a sessão.

A sra. Leonard continuou a realizar sessões até a década de 1940. Sua morte ocorreu em 1968.

Apesar de todas as provas, nenhuma solução final para o problema da sobrevivência resultou do estudo da mediunidade. A atração da hipótese telepática logo se reencarnou na teoria "super-ESP" - segundo a qual um médium podia usar poderes ilimitados de telepatia e clarividência para fazer de sua personalidade ou de personalidades secundárias personificações espíritas. Algo semelhante à hipótese super-ESP foi até mesmo parcialmente demonstrado em 1921, quando G. Soal, notável investigador psíquico britânico, realizou uma série de sessões com a sra. Blanche Cooper no Colégio Britânico de Ciência Psíquica em Londres. Ele foi capaz de estabelecer contato com um antigo colega de escola chamado Gordon Davis, que transmitiu diversas mensagens probatórias. A prova da comunicação espírita foi impressionante, mas posteriormente se descobriu que o comunicador ainda estava vivo. Pesquisa subsequente revelou que a médium descrevera detalhes da casa para onde esse cavalheiro só se mudara depois de completadas as sessões.^[2]

Na década de 1930, a pesquisa sobre sobrevivência estava se tornando cada vez mais decepcionante. Mas a falta de prova definitiva de vida depois da morte não foi a razão principal pela qual o setor deixou a questão de sobrevivência para trás e avançou para outras áreas de pesquisa. Apesar de sua ênfase no problema da sobrevivência, a pesquisa psíquica estava também dedicada ao estudo de percepção extra-sensória. Pesquisa experimental sobre os fenômenos de telepatia, clarividência e precognição assumiram a dianteira da psicologia nesse período. Esses anos viram o aparecimento do programa de parapsicologia na Universidade Duke, em Durham, na Carolina do Norte, onde J. B. Rhine causou agitação no estabelecimento científico com suas descobertas. Empregando processos estatísticos simples, Rhine mostrou que muitas pessoas podiam superar as leis do acaso "cantando" a ordem de símbolos geométricos estampados em cartões. Seus dados e suas abordagens revolucionaram todo o setor. Testes ESP logo se tornaram moda em muitos colégios e universidades americanas e alguns dos membros mais jovens da Sociedade de Pesquisa Psíquica deixaram a sala de sessões para procurar o ambiente mais seguro dos laboratórios. A parapsicologia nunca mais seria a mesma.

Embora a pesquisa experimental esteja atualmente na vanguarda da parapsicologia, isso não indica que a questão da sobrevivência tenha sido "engavetada" permanentemente. Pelo contrário, a pesquisa sobre sobrevivência vem fazendo um retorno lento, mas seguro, desde a década de 1970. O renascimento do interesse pela questão foi, sem dúvida, incentivado pela pesquisa inicial que resultou do legado Kidd, descrita no capítulo seguinte. Relembrando o primeiro século da parapsicologia, é claro que grandes progressos foram feitos no estudo da questão de sobrevivência. Os primeiros pesquisadores psíquicos demonstraram que a questão da imortalidade humana podia ser explorada científica e criticamente. Demonstraram também que certas formas de fenômenos psíquicos têm influência direta sobre a questão. Esses fenômenos - principalmente aparições e mediunidade em transe - poderiam ser usados para construir uma legítima causa *a priori* em favor da sobrevivência.

Existem apenas dois empecilhos. Primeiro, os fundadores da Sociedade de Pesquisa Psíquica descobriram que o problema da sobrevivência era infinitamente mais complicado do que haviam imaginado. Falharam também no estabelecimento

de um consenso sobre os critérios pelos quais a questão da sobrevivência poderia ser autorizadamente resolvida.

Hoje, cem anos depois do nascimento da pesquisa psíquica os parapsicólogos se encontram ainda lutando com essas mesmas questões. Por isso, quando o problema da sobrevivência tornou-se de interesse para trabalhadores de pesquisa a partir da década de 1970, eles se viram explorando novas direções em sua busca de prova da imortalidade do homem.

Referências

1. Fuller, John. The Great Soul Trial. Nova York: MacMilan, 1969.
2. Gurney, Edmund; Myers, F.W.H. e Podmore, Frank. Phantasms of the Living. Londres: Trubner, 1886.
3. Gault, Alan. The Founders of Psychical Reserarch Nova York: Schocken, 1968.
4. Piper, Alta. The Life and Work of Mrs. Piper. Londres: Kegan Paul, 1929.
5. Hodgson, Richard. A record of certain phenomena of trance. Proceedings: Society for Psychical Research, 1892, 8, 1-167.
6. Myers; F.W.H.; Lodge, Oliver; Leaf, W. James, William. A record of observations of certain phenomena of trance. Proceedings: Society for Psychical Research, 1890, 6, 436-659.
7. Hodgson, Richard. A further record of observations of certain phenomena of trance. Proceedings: Society for Psychical Research, 1898, 284-582.
8. Ibid.
9. Saltmarsh, H.F. Evidence of Personal Survival from Cross-Correspondences. Londres: Bell, 1938.
10. Thouless, Robert. From Anedocte to Experiment in Psychical Research Londres: Routledge and Kegan Paul, 1972.
11. Lodge, Oliver. Raymond Nova York: Doran, 1916.
12. Radclyffe-Hall, Ann e Una, Lady Troubridge. On a series of sitings with Mrs. Osborne Leonard. Proceedings: Society for Psychical Research, 1920, 30, 339-554.
13. Thomas, C. Drayton. Some New Evidence for Human Survival. Nova York: Dutton, n.d.

[1]Life After Death: Case for Survival of Bodily Death, 1986.

[2]Como G. Soal mais tarde falsificou os resultados de alguns de seus testes ESP na Universidade de Londres, certos pesquisadores mostram-se céticos em relação a todas as suas afirmações e relatos. Contudo, existem algumas provas independentes de que as comunicações de Gordon Davis foram recebidas exatamente como Soal registrou. Gordon Davis também testemunhou ser tudo verdade até seu falecimento na década de 1960. Deve-se também notar que podem ser encontrados na literatura outros casos de comunicadores espíritas que posteriormente se constatou estarem vivos e bem de saúde.